

VER NOVAS TODAS AS COISAS EM CRISTO

Um exercício de aproximação da missão desenvolvida nos colégios

Ir. Raimundo Barros, SJ

Presidente da FLACSI

Diretor-Presidente da Rede Jesuíta de Educação Básica - Brasil

Maio 19, 2021

Introdução

No contexto das comemorações do Ano Inaciano a palavra conversão adquire um significado bem maior do que o conjunto de letras que a compõe; que os verbetes encontrados em dicionários ou mesmo das referências que costumeiramente são usadas. Aqui o significado está ligado diretamente com os processos vitais que o “soldado” Inácio de Loyola experimentou durante o período de sua convalescência e que vão acompanhá-lo dali em diante.

A conversão então passa a ser entendida como constituinte do processo de vida e como tal, extrapola o usual mudar a direção. É a busca por sentido ou o dar sentido à vida, não porque a vida de antes não o tinha e sim porque a vida nova adquire outras configurações, sendo a conversão muito mais complexa do que inicialmente se pode pensar.

Segundo Castro (2021) a busca pelo sentido não é um produto da cultura, nem um fenômeno artificial. Brota do mais profundo do ser, como uma necessidade básica. Ela está ancorada na apropriação que o sujeito constrói sobre a sua própria vida e não pode ser tratada somente como mudança de direção, uma vez que é possível mudar a direção sem conferir ou dar sentido ao que se faz. Dessa forma, a consideração a ser feita sobre a conversão tem que levar em conta todos os constituintes da vida que mobilizam a pessoa.

E o que pode desencadear esse processo do buscar ou dar sentido à vida? Para Inácio foi uma bala de canhão que estabeleceu um novo marco em sua vida; que o levou ao exercício de olhar para a vida passada, situar-se com a vida presente e projetar a vida futura. E a partir desse olhar surgiu a pergunta sobre a possibilidade de usar a bala de canhão como metáfora para os processos de alfabetização e letramento desenvolvidos nos colégios.

Sim. O processo de alfabetização como domínio do código escrito (ler e escrever) e o letramento como prática social da leitura e da escrita podem ser vistos como um processo de conversão? Se a conversão propicia uma nova leitura da vida e do mundo, a alfabetização e o letramento podem ser vistos na mesma perspectiva enquanto mecanismos para uma nova forma de ser e atuar no mundo?

A partir dessas perguntas é possível situar o papel da escola e as suas implicações no processo de aquisição da habilidade da leitura e escrita e mais importante ainda, no processo de leitura do mundo. É nessa direção que o texto vai buscar o exercício de aproximação entre os processos de conversão e alfabetização/letramento.

Conversão

A interpretação da bala de canhão como metáfora do processo de alfabetização pode ser vista como instrumental se fica situada somente na compreensão e domínio do código escrito (ler e escrever), todavia se for compreendido como parte de um processo permanente de interação com o mundo, de leitura do mundo, é possível ver no âmbito¹ escola, um conjunto onde a fluidez e a complexidade adquirem relevância por tratarem do processo de busca por sentido.

Ao celebrar os 500 anos da conversão de Santo Inácio a Companhia de Jesus propõe o lema: “Ver novas todas as coisas em Cristo”. Veja que no lema há uma ação e uma finalidade, mas o movimento para fazê-los possível é construído por processos internos e externos de cada pessoa e suas relações; por desejos e realidades, implicando o sujeito por completo e demandando a construção de caminhos que levem para a experiência de aprendizagem e de crescimento. Dessa forma é possível dizer que a ação e a finalidade adquirem sentido a partir de cada pessoa e fazê-las possíveis pode ter origem no indivíduo, mas se realiza no conjunto social onde cada um atua. Daí o roteiro para “Ver novas todas as coisas em Cristo” é elaborado a partir da vida de cada um e não se repete, mesmo com pontos de interseções em vários momentos.

A ação de ver mobiliza não somente o sentido da visão, mas o conjunto dos sentidos que cada pessoa leva consigo e esse conjunto é formado pelo elemento biológico, crenças, valores e também pela composição social e interpretativa, fruto das interações e encontros. Ora, se o ver mobiliza sentidos, a finalidade de “Ver novas todas as coisas em Cristo” aponta para a experiência com o Transcendente. É a experiência,

¹ Segundo Alfonso López Quintás âmbito é uma realidade dinâmica, flexível, onde se experimenta a liberdade criativa.

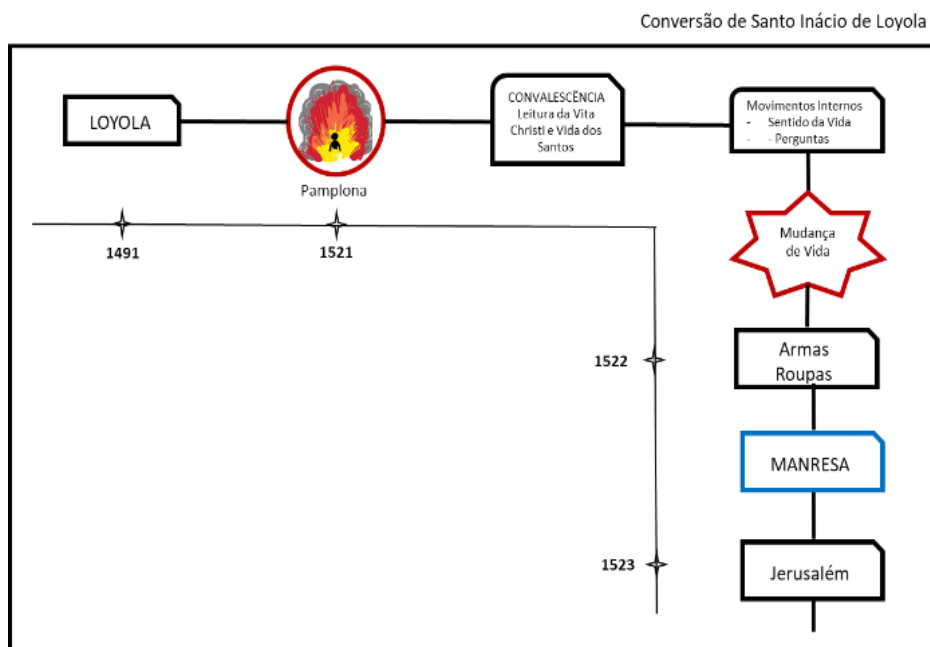
segundo os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, de colocar-se sob a bandeira de Cristo.

A conversão passa, portanto, por uma releitura da vida e pela construção de um novo horizonte onde a relação com Deus orienta rupturas e continuidades, levando a uma profunda experiência de novos sentidos. É percebida e sentida, tanto pela pessoa como pelo seu entorno e na Autobiografia de Santo Inácio se vê isso claramente: “*tanto o seu irmão como os outros da casa, foram conhecendo pelo exterior a mudança que se tinha operado interiormente na sua alma*” (autobiograf. 10). “*O irmão e alguns da casa suspeitavam que ele queria fazer alguma grande mudança*” (autobiograf. 12).

E o próprio Inácio se perguntava: “*Que nova vida é esta que agora começamos?*” (autobiograf. 21). E se dava conta dos novos sentidos que a vida adquiria a partir das experiências que ia tendo:

“E estando ali sentado, começaram a abrir-se-lhe os olhos do entendimento; e não que visse alguma visão, senão entendendo e conhecendo muitas coisas, tanto de coisas espirituais, como de coisas da fé e das letras. E isso com uma ilustração tão grande, que todas as coisas lhe pareciam novas (Autobiograf. 30)

A partir do seu contexto, de suas relações e vínculos de vida, Inácio entra na dinâmica da leitura do mundo, movida pela leitura da *Vita Christi* e de um livro sobre a vida dos santos. A leitura do mundo é também leitura de sua própria vida, que naquele momento estava sacudida por muitos movimentos interiores, deixando-o capaz de fazer perguntas sobre o sentido da vida e de projetar caminhos a partir da escuta interna que fazia.



No processo de conversão a busca pelo sentido da vida deve ser sacudida fortemente por perguntas como: quem sou? O que quero? Para onde vou? Para onde quero ir? Para onde devo ir? Essas perguntas, segundo Castro (2021) devem fazer parte do cotidiano, como exercício permanente de busca. E olhando para Inácio de Loyola é possível ver claramente a luta interior que travava consigo mesmo e as muitas perguntas que se fazia, não como exercício intelectual, mas como busca pelo ordenamento e sentido da vida.

Essa narração interpretativa só é possível a partir de uma leitura do mundo, contextualizada e vinculada ao conjunto de habilidades que cada um vai construindo na vida. E voltando para a conversão de Inácio de Loyola, é claro o papel da leitura do mundo e da leitura do código escrito como parte dos movimentos interiores que ele estava vivendo.

Na autobiografia tem explicitamente posta a dinâmica da leitura do mundo a partir da leitura da escrita e se percebe como Inácio vai sentindo os movimentos interiores e fazendo perguntas. Sobre os livros que lhes foram dados ele diz que

Lendo-os muitas vezes, algum tanto se ia afeiçoando ao que ali encontrava escrito. Mas parando de os ler, algumas vezes ficava a pensar nas coisas que tinha lido, e outras vezes pensava nas coisas do mundo nas quais costumava pensar antes. (Autobiograf. 6)

[...] fazendo com que a estes pensamentos sucedessem outros que nasciam das coisas que lia. Porque, ao ler a vida de nosso Senhor e dos santos, parava a pensar, raciocinando consigo próprio: - E se fizesse aquilo que fez S. Francisco e aquilo que fez S. Domingos? – E assim discorria por muitas coisas que achava boas, propondo-se sempre a si mesmo coisas difíceis e importantes, e ao fazê-lo parecia-lhe encontrar em si facilidade de as levar a cabo. (Autobiograf. 7)

As leituras desencadearam um processo de indagação sobre o sentido da vida e ajudaram na elaboração de novas possibilidades para a sua vida dali em diante. Entretanto, a partir do que está na autobiografia, os movimentos vividos por Inácio não foram somente de alegria, chamando atenção para a importância do contexto no processo de leitura do mundo.

Ele foi tomado por movimentos, depois foram chamados de consolação e desolação, que o inquietavam durante muitas horas e foi vivendo tudo isso com a consciência sobre a sua vida e as implicações que poderiam ter a partir das decisões que viesse a tomar. Teve a sensibilidade para mergulhar na dinâmica da busca por sentido.

Alfabetização e Letramento

Durante muito tempo os termos alfabetização e letramento foram tratados como sinônimos, mas com o avanço da compreensão dos processos de apropriação da leitura e escrita e de suas respectivas práticas sociais, os conceitos passaram por diferenciações, embora a coexistência e complementariedade entre eles fosse destacada.

Para a educadora Magda Soares (2009) alfabetizar é fornecer condições para que a pessoa acesse o mundo da escrita, tornando-se capaz de ler e escrever, mas sobretudo de fazer o uso adequado da escrita. Nesse sentido, segundo ela, o papel da escola é ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais. Ora, nesse contexto, sendo a pessoa um ser social em constante interação, o processo de alfabetização será contínuo.

A alfabetização é um processo que diz respeito à compreensão e ao domínio do código escrito enquanto aprendizagem de habilidades para leitura, escrita e as chamadas práticas de linguagem e mesmo que o seu início esteja costumeiramente associado com a escola, ele acontece também antes por meio das leituras do mundo que a criança vai fazendo e que vai se consolidar nos anos iniciais do ensino fundamental. Essa consolidação não significa terminalidade, pois como foi dito acima, a alfabetização é um processo contínuo que acontece durante toda a vida.

Esse caráter de contínuo conferido para a alfabetização ressalta a importância que a escola tem para o fortalecimento do processo de acesso ao mundo da escrita e esta não pode, segundo Marcuschi (2010), ser concebida simplesmente como uma representação da fala, pois esta não é capaz de reproduzir certos fenômenos da oralidade. Nesse sentido, o desenvolvimento da capacidade de leitura da escrita e do mundo é necessário como parte do processo de buscar e encontrar sentido nas práticas e interações sociais.

Enquanto a alfabetização está voltada para o domínio do código escrito, o letramento vai tratar dos seus usos sociais, fazendo com que a complementariedade entre ambos seja necessária para situar a pessoa e para gerar apropriação do processo de interação no “mundo letrado”. Assim, o aprender a ler e escrever deve ser acompanhado da aquisição de competência para usar a leitura e a escrita, para envolver-se com as práticas sociais de escrita.

Enquanto terminologia a palavra letramento foi proposta por Kato (1986) e incorporada no vocabulário educacional a partir da demanda de estudos sobre as práticas sociais da leitura. Essa incorporação lançou luzes na compreensão da complexidade do processo de alfabetização e o conseqüente letramento, uma vez que

os dois termos passaram a indicar situações diferentes, mas complementares, desencadeando um olhar integrador para a habilidade de leitura da escrita e a competência para usá-las nas práticas sociais e interpretativas do mundo.

Nessa concepção, o letramento está ligado com a capacidade dos indivíduos de interagir ativamente nas interlocuções com o mundo; da capacidade de leitura dos fatos a partir do exercício de contexto (tese), problematização (antítese) e intervenção interpretativa (síntese) dos fenômenos e práticas sociais. Trazendo para o mundo da Pedagogia Inaciana, é o exercício ativo da experiência, reflexão e ação, na dinâmica referenciada pelo contexto e em constante avaliação.

A contribuição dos colégios para o “Ver novas todas as coisas em Cristo”

Desde o início da Companhia de Jesus que os colégios foram tratados como meio eficaz para o apostolado dos jesuítas e é possível entender essa importância através de documentos como Constituições da Companhia de Jesus, *Ratio Studiorum*, Nossos Colégios Hoje e Amanhã, Características da Educação da Companhia de Jesus, Pedagogia Inaciana: uma proposta prática, Colégios Jesuítas: uma tradição viva no século XXI e tantas outras publicações. Todos esses documentos trazem um contínuo processo de atualização ao apostolado educativo da Companhia de Jesus e dentro da dinâmica do Ano Inaciano, a formação integral é uma das grandes contribuições que os colégios da Companhia podem oferecer.

Ao colocar o estudante no centro do processo a educação na Companhia de Jesus estabelece possibilidades para a abordagem da formação integral e uma delas apresenta três frentes complementares e interligadas: cognitivo, socioemocional e espiritual religioso. Essas frentes entendem o trabalho realizado nos colégios como meio para “ajudar o desenvolvimento mais completo possível de todos os talentos dados por Deus a cada indivíduo como membro da comunidade humana” (Características 1.2).

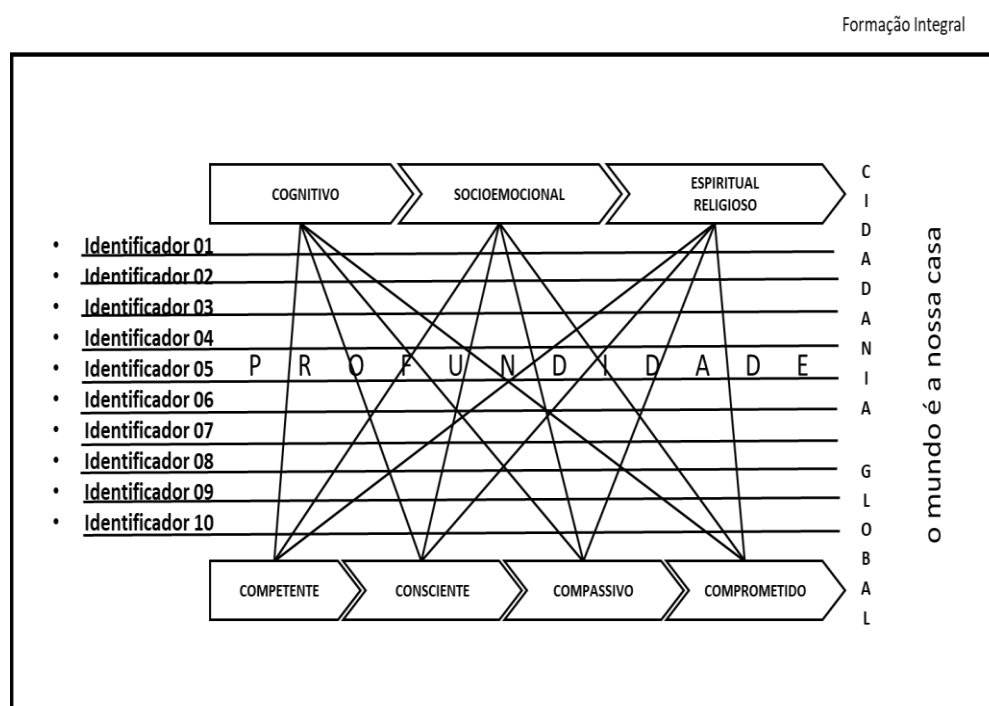
Padre Arrupe apresentou esse objetivo como a formação de “Homens e Mulheres para os outros”; Padre Kolvenbach disse que o objetivo é “ formar líderes no serviço e imitação de Cristo, homens e mulheres competentes, conscientes e comprometidos na compaixão” (KOLVENBACH, 1993). Padre Adolfo Nicolás chamou para a profundidade e alertou para o perigo das distrações da superfície. Padre Arturo Sosa apresentou identificadores globais “para ajudar a refletir sobre o que hoje torna jesuíta um colégio jesuíta, ao mesmo tempo que nos confrontamos com o desafio de manter nossa

identidade a serviço de nossa missão de reconciliação e justiça, central para o que fazemos e somos” (SOSA, 2019)

Ficando com os quatro últimos superiores gerais da Companhia de Jesus, se percebe como cada um, no contexto de seu tempo, acentua o olhar para o mesmo objetivo que é a formação integral. E ao proporcionar experiências que colaboram no desenvolvimento das inteligências, dos vínculos e relações consigo mesmo, com os outros, com o mundo e com Deus, a educação jesuíta propõe um itinerário formativo que

Pretende transformar a maneira segundo a qual a juventude vê-se a si mesma e aos outros, aos sistemas sociais e suas estruturas, ao conjunto da humanidade e toda a criação natural. A educação jesuíta, se realmente alcança o seu objetivo, **deve conduzir finalmente a uma transformação radical, não só do modo ordinário de pensar e agir, mas também do modo de entender a vida**, como homens e mulheres **competentes, conscientes e compassivos**, que buscam o “maior bem” na realização do **compromisso** da fé e da justiça, para melhorar a qualidade de vida dos homens, especialmente dos pobres de Deus, oprimidos e desamparados. (PPI nº 19)

Como síntese do processo formativo na perspectiva da formação integral é possível dizer que a formação de homens e mulheres para os outros se atualiza nos “C’s”, no desafio de sair da superfície e caminhar para a profundidade, tendo identificadores-chave para a autenticação do ser um colégio jesuíta.



E todo esse compromisso com a formação integral deve ser feito na perspectiva da cidadania global. “Isso significa preparar os estudantes e suas famílias para identificarem-se primeiro e fundamentalmente como membros da família humana, com uma comum responsabilidade por todo o mundo” (Identificador 03).

Assim, a cidadania global deve fazer parte do currículo na sua transversalidade, trazendo para o processo formativo a permanente tensão entre o local e o global; entre a experiência do diálogo na comunidade, cultura e tradição locais e com o mundo.

Considerações finais

Usar a bala e canhão como metáfora para os processos de alfabetização e letramento se insere no exercício de aproximação entre o trabalho realizado nos colégios e a provocação trazida pelo lema do Ano Inaciano: “Ver novas todas as coisas em Cristo”. Como foi visto acima, a conversão é um movimento de busca pelo sentido da vida e a alfabetização e o letramento são movimentos de domínio do código escrito que possibilitam uma leitura do mundo, ou melhor, um diálogo com o mundo a partir de novas bases interpretativas.

Pela conversão os sujeitos fazem uma releitura ou uma leitura nova da vida e pela alfabetização e letramento os sujeitos também passam a ter condições de fazer novas leituras. No caminho da alfabetização os sujeitos vão construindo novas bases para o diálogo consigo mesmo, com os outros e com o mundo, tendo novas capacidades de construção. Assim, há similitudes entre conversão e a alfabetização e letramento?

No caso de Inácio de Loyola, foi pela capacidade de leitura do código escrito, habilidade adquirida por meio do processo de alfabetização, que ele fez a experiência do diálogo consigo mesmo e a partir daí iniciou outro processo, muito mais complexo, que foi a elaboração de perguntas. Por meio das perguntas ele estabeleceu novas bases interpretativas para o que lia e isso foi possível porque tinha competências adquiridas no letramento.

Tanto na primeira situação, onde a alfabetização e a conversão possibilitam novas leituras da vida e do mundo, como na segunda onde a habilidade adquirida na alfabetização permite a leitura com a conseqüente elaboração de perguntas, habilidade adquirida no letramento, é possível creditar como possível a metáfora: bala de canhão e alfabetização / letramento.

A bala de canhão levou Inácio a ler e interpretar o mundo e a partir dessa experiência, formulou perguntas na busca pelo sentido da vida. A alfabetização e o

letramento garantiram a habilidade (domínio do código escrito) e a competência (capacidade de interpretar) necessárias para a experiência de conversão.

Vale ressaltar que o domínio do código escrito (alfabetização) e o letramento (uso social do código escrito) são complementares, mas um sujeito que não domina o código escrito também tem capacidade interpretativa para a leitura do mundo.

Como ações que demandam movimentos dos sujeitos, tanto a conversão como a alfabetização e o letramento conferem uma nova capacidade de intervenção no mundo e diante disso foi feita a pergunta: a leitura pode mudar a vida de uma pessoa?

É importante notar que a escrita não consegue expressar todos os movimentos internos e externos vividos pelos sujeitos e é exatamente nesse ponto que entra a capacidade do leitor de se apropriar do texto e de construir uma narrativa particular com os elementos da sua leitura da escrita e da leitura do mundo.

Essa capacidade de apropriação é parte do trabalho da alfabetização e do letramento, sobre o qual a escola tem grande responsabilidade, pois desenvolver as habilidades de domínio do código escrito requer muito mais do que o exercício prático. É preciso ir além e proporcionar situações onde os sujeitos dialogam com o objeto do conhecimento e desenvolvem competências para interpretá-lo.

A pergunta acima foi feita para os membros da Equipe FLACSI e, de uma forma ou de outra, cada um disse que a leitura tem a capacidade de mudar a vida. A leitura é um caminho possível para chegar na interioridade humana e pode despertar no leitor o imaginário criativo que lança indagações, busca e atribui sentido, bem como possibilita viagens imaginárias.

Responsável pelo acompanhamento do grupo de homólogos Diretores Acadêmicos, Vilma Reyes apresenta a sutileza da escrita como um inaugurar da palavra e lança sobre a leitura um olhar para além do ato de decodificação, chamando atenção para a capacidade de tirar e colocar as coisas no lugar, como um caminho para mergulhar mais profundamente na intimidade do leitor. E a leitura

Nos ayudan a ser, a estructurarnos y desestructurarnos, nos hacen pensar en eso que somos y hemos configurado en el tiempo. Nos interpelan en lo más íntimo, porque no se quedan en la superficie, se conectan con nuestro sentido de trascendencia... ese lugar de la interioridad humana, donde yacen los misterios que nos constituyen. [...] Nos ayudan a ser, a estructurarnos y desestructurarnos, nos hacen pensar en eso que somos y hemos configurado en el tiempo. Nos interpelan en lo más íntimo, porque no se quedan en la superficie, se conectan con nuestro sentido de trascendencia... ese lugar de la

interioridad humana, donde yacen los misterios que nos constituyen. (Vilma Reyes)

Para Javier, responsável pela Comunicação na FLACSI a leitura possibilita a ação de interpretação da realidade e amplia a experiência dos sentidos, mas também

Ayuda a ver el mundo desde otra perspectiva, a reflexionar y a potenciar nuestro lenguaje. No solo afecta nuestras emociones, también la lectura tiene el poder de transformar y convertir a una persona.

Jimena Castro fala da leitura a partir das palavras e da capacidade de imaginar que elas geram no leitor. E essa capacidade imaginativa faz com que *“las hacemos nuestras”*. A leitura transforma

porque no sólo sugestióna nuestra imaginación y creatividad. Nos permite saber del mundo, y nos abre la posibilidad de crear nuestros propios relatos.

Mora Podestá responde direcionando o olhar para a leitura como possibilidade de encontro e de troca. Como capacidade de apreender e recolher o texto, de levar a

encontrarme con los otros, a la apertura y a la entrega. A descubrir lo particular y la riqueza de cada uno, de cada una. A dejar sorprenderme y transformarme. Se trata de entender y comprender el texto y contexto, de intercambiar y de enriquecerlo de una determinada manera.

Usando Alberto Parra, SJ como referência para a sua resposta, Lina Talero concorda que o ato de ler gera sensibilidades, cria conexão com a vida, interesses e desejos.

Cuando se lee, aquello que nos apasiona nos otorga una seria de posibilidades creativas, que conectan con el conocimiento, el mundo y la historia. Ahora, es en la interpretación, donde cobra valor real y cotidiano el texto [...] el lector en su calidad de interprete, incorpora de manera coherente e histórica el valor que le ofrece el texto.

Uma ponte com a qual o ser humano tenta transpor a distância que o separa do mundo exterior. Essa é a resposta dada pelo secretário executivo da FLACSI, Felipe Carrillo e é interessante notar o acento que ele confere para a leitura. A leitura como busca de conexão com o mundo e a partir desse horizonte ele apresenta uma outra pergunta:

de no ser por la lectura ¿qué habría pasado en Manresa, París o Roma?, ¿contaríamos en la actualidad con el legado espiritual que recibimos de San Ignacio?

Jimena Sandoya, por sua vez, vai buscar na sua experiência familiar a resposta para a pergunta sobre a capacidade da leitura de mudar a vida de uma pessoa. Ela chama atenção para a leitura do mundo para além da leitura da palavra e o relato da vida do seu avô é a própria resposta.

Su pasión por la lectura pudo ensanchar sus horizontes, y no solo soñar sino insistir para que sus hijos y nietos lograsen estudiar y tener mayores oportunidades. Tal vez no lo convirtió para seguir a Cristo de manera consciente, pero lo hizo ser una mejor versión de sí mismo y dejarnos ese legado.

Diante do conjunto de respostas dadas a força da leitura é apresentada no seu sentido mais amplo e na sua concretude enquanto geradora de possibilidades de mudança. E para que seja possível a mudança de vida, a leitura leva o contexto e as experiências do leitor na formação da capacidade de interpretar e dialogar com o mundo. Ao ser lido, como foi apresentado, o texto é apropriado pelo leitor e conduz a uma transformação, tanto na forma de pensar e agir como na busca pelo sentido da vida.

E como experiência leitora, cada um é chamado a fazer o seu próprio itinerário de apropriação e de interpretação. E se isso for feito como parte do processo de conversão – alfabetização / letramento, é certo que a vida vai adquirir novas possibilidades.

Referências Bibliográficas

Referencias Bibliográficas

CASTRO, José García de. **Educar lo invisible: la inspiración de la educación ignaciana**. Bilbao – España: Mensajero, 2021.

COMISSÃO INTERNACIONAL DO APOSTOLADO DA EDUCAÇÃO JESUÍTA. **Colégios Jesuítas: uma tradição viva no século XXI**. Rio de Janeiro, 2019.

COMPANHIA DE JESUS. **Características da educação da Companhia de Jesus**. São Paulo, 1989.

COMPANHIA DE JESUS. **Pedagogia Inaciana: uma proposta prática**. São Paulo, 1993.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

LOYOLA, Inácio. **O relato do peregrino**. São Paulo: Loyola, 1991.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2010.

- O'MALLEY, John W. **Los primeros jesuitas**. In: MESA, José Alberto (org.). La Pedagogía Ignaciana. Bilbao – Espanha: Mensajero – Sal Terrae, 2019.
- SOARES, Magda. **Literalidad: um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- SOSA, Arturo. **Colégios Jesuítas: uma tradição viva**. In: COMISSÃO INTERNACIONAL DO APOSTOLADO DA EDUCAÇÃO JESUÍTA. **Colégios Jesuítas: uma tradição viva no século XXI**. Rio de Janeiro, 2019.
- VAL, Maria da Graça Costa. **O que é ser alfabetizado e letrado?** In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de; MENDONÇA, Rosa Helena (org.). Práticas de Leitura e Escrita. Brasília: Ministério da Educação, 2006.